

ROSA MARIA FERREIRA DALES NAVA CENSURA MUDOU JORNALISMO BRASILEIRO

*Coordenadora do Mestrado em Comunicação Social da UNIPAC e pesquisadora da Cátedra
UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional
rosa-nava@uol.com.br*

RESUMO: O Departamento de Pesquisa e Documentação do *Jornal do Brasil* detém o pioneirismo da introdução do jornalismo interpretativo no país. Este estudo concentra-se no levantamento da história do DPD do JB. Do processo de implantação à evolução para uma editoria autônoma (1962 a 1974). Nascido sob o referencial do *New Journalism* norte-americano, com características literárias que o aproximam da ficção, o jornalismo interpretativo implantado por Alberto Dines no *Jornal do Brasil*, a partir de 1964, exibe personalidade própria. Difere de seu modelo e apresenta-se original.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo interpretativo, *Jornal do Brasil*, censura mudou jornalismo

ABSTRACT: The Department of Research and Documentation of the Periodical of Brazil withholds the pioneerism of the introduction of the interpretative journalism in the country. This study it is concentrated in the survey of the history of the DPD of the JB. Of the process of implantation to the evolution for an independent editorial (1962 the 1974). Been born under the reference of the New North American Journalism, with literary characteristics that approach it to the fiction, the interpretative journalism implanted by Alberto Dines in the Periodical of Brazil, from 1964, shows proper personality. It differs from its model and it is presented original.**KEY WORDS:** interpretative journalism, *Jornal do Brasil*, censorship changed journalism

1. INTRODUÇÃO

“É necessário saber para continuar”. A informação é vital para a sobrevivência social e intelectual do indivíduo; ele precisa saber o que aconteceu, mas precisa relacionar esse fato com o que ocorreu no passado, encadeamento que constitui a informação total. Essa é a verdadeira razão da notícia. Um jornal é a memória da sociedade. Ele tem obrigação de organizar-se neste sentido. Essas palavras de Alberto DINES (1986, p. 70) motivaram a elaboração deste trabalho.

E por quê o jornalismo interpretativo? Relacionamos algumas teorias sobre sua relevância. O jornalista Claudio ABRAMO,(1988, p. 113) por vezes polêmico em algumas afirmações, lembra: "A saturação da informação faz as pessoas perderem o controle sobre o fluxo da informação. O público se transforma em agente e vítima da informação (...) Essa é uma das tragédias do jornalismo, ou seja, a falta de parâmetros, o desconhecimento do que aconteceu antes. E como o jornalismo é, em grande parte, o registro do cotidiano - ou do cotidiano histórico, como se queira, é preciso ter pontos referenciais sobre o universo em que se vive."

Inserida na fase industrial de informação e diante do avanço célere da tecnologia, a imprensa expõe-se à contínua banalização, à dramatização. Desviou-se de seu princípio, a informação como serviço público - adverte HOHENBERG (1981). Hoje, vive uma crise de identidade fragmentando-se na mesmice. Ou repete os noticiários da TV ou a homogeneidade dos textos das agencias noticiosas. Mal conseguimos acompanhar a avalanche de informações possibilitada pelo célere progresso tecnológico que passa ante nossos olhos.

Não deixa de ser uma grande conquista a maravilhosa trajetória da evolução humana. Do olhar, aos primeiros gritos, as impressões e inscrições nas cavernas, a simbologia do som dos tambores, os sinais de fumaça, o jornalismo impresso, rádio, TV, as redes e infovias.

Todo o complexo comunicacional desenvolvido pelo homem sempre visou sua informação para a sobrevivência. A continuidade de sua espécie.

O jornalismo sedutor apresentado pela TV e o imediatismo da internet colocam o espectador “participante” do noticiário acabou com o furo. Os *media* eletrônicos antecipam-se aos impressos. E, se não há mais novidade, por que se compra o jornal no dia seguinte, após as informações eletrônicas? Para saber mais sobre determinado assunto.

E o que encontramos nos jornais satisfaz essa necessidade? Na grande maioria, não. O jornal impresso deveria informar melhor, situar o homem em seu meio. Divulgar os fatos acontecidos, mas enriquecê-los com informações mais densas, retrospectivas, explicativas. Hoje, escolhemos jornais pelos brindes: enciclopédias, carros, entradas de teatro, descontos em lojas e restaurantes. Mas, essa escolha não deveria ser feita pelo conteúdo? Pela informação?

O jornal impresso acabará morrendo. Não, respondem os estudiosos. Mas, o hábito de sua leitura está diminuindo sensivelmente. Sobre a questão da perenidade do impresso, acredito que somente o jornalismo interpretativo seja o caminho para a sobrevivência. É preciso buscar condições de oferecer aos leitores edições mais coerentes, mais bem cuidadas ou coordenadas.

O avanço tecnológico possibilita hoje o armazenamento de informações que podem auxiliar o jornalista na elaboração de textos com maior profundidade. Mas, ainda assim se faz imprescindível sua produção pelas mãos de profissionais gabaritados, com tempo para pesquisa, leitura, acompanhamento de informações divulgadas por diferentes e inúmeros veículos de comunicação. Porém, numa visão estreita (imediatista e econômica) e desprovida de horizontes, a maioria das redações perdeu seu departamento de pesquisa, dissolvido ou pulverizado.

Não se pode produzir qualidade sem substância, sem embasamento, sem um conhecimento profundo que só a pesquisa consegue articular. O jornal impresso busca caminhos para

fugir à extinção e à desvalorização. Mas se deixou levar. Moldou-se ao sabor das ondas dos jornais eletrônicos (TVs, Infovias) e passou a usá-los como fonte. Repetidor ecoa nas bancas sem novidade.

Essas reflexões nos levam ao jornalismo interpretativo. Para entender sua importância, escolhemos empreender o resgate histórico do trabalho pioneiro, que não deixou similares: o do Departamento de Pesquisas e Documentação do *Jornal do Brasil*. Nasceu, brilhou e morreu igual a uma estrela solitária que estaria mostrando um caminho que a imprensa, como um todo, não teve sensibilidade para enxergar.

2. JORNALISMO INTERPRETATIVO - CONCEITO

O Jornalismo interpretativo é uma forma de tratamento da informação, do texto de notícias, reportagens e entrevistas, grandes ou pequenas, alinhavadas segundo um preceito fundamental: informar melhor. O relato factual apresenta-se contextualizado com antecedentes e análise das causas, com a reflexão sobre as prováveis conseqüências. O texto difere do meramente informativo, mecânico dentro de fórmulas estanques, como *lead* e *sublead*, pirâmide invertida. Liberta-se o *lead* para, saindo da fórmula ultra-direta, buscar a hierarquia, selecionando dos seis elementos básicos, o que for mais importante. Deve invocar no leitor impressões, efeitos, imagens e, até cheiros (DEAN, 1966, p. 6). Forma de tratamento da notícia que busca palavras exatas, palavras-imagens, conseguidas após busca permanente, pesquisa metódica, seleção rigorosa. Como informação, o texto é o retrato fiel da realidade recriado de maneira mais cativante (DINES, 1986). As reportagens devem ser feitas com muito cuidado depois de investigação acurada. A publicação exhibe-se em cadernos especializados, reportagens em destaque, análises retrospectivas, notas suplementares divulgando histórias com realce geográfico, biográfico e informativo para auxiliar a compreensão e o entendimento dos fatos concretos.

O jornalismo é a informação da atualidade. Seu objeto, a atualidade de interesse abrangente, inclusive a variedade de motivos no universo das ocorrências. BELTRÃO define a interpretação jornalística como o ato de submeter os dados recolhidos no universo

das ocorrências atuais e idéias atuantes a uma seleção crítica. A finalidade é proporcionar ao público dados realmente significativos visando explicar, ensinar, guiar.

O foco de interesse da interpretação jornalística concentra-se no atual, presente e objetivo. Eis a diferença substancial, se comparado ao objeto da interpretação histórica ou filosófica. É a informação de idéias, situações e fatos atuais, interpretados à luz do interesse coletivo e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum.

Para BELTRÃO, o jornalismo interpretativo deve ser resultado de um trabalho grupal coordenado. O produto deve chegar ao público como "informação em toda a sua integridade, captada, analisada e selecionada pelo jornalista", mas não lhe cabe o diagnóstico.

Para Freddy Gatón ARCE, Jornalismo Interpretativo é o "esforço para situar o leitor entre os acontecimentos, levando em conta os antecedentes das ocorrências, as repercussões e as reações que podem provocar. É, em outros termos, levar ao leitor o lado histórico da notícia". A notícia em profundidade, para ERBOLATO, é recurso dado ao leitor em reportagens complementares do que foi ouvido no rádio e na televisão. A base do relato deve conter os antecedentes e as conseqüências possíveis das ocorrências como recurso explicativo dos fatos.

Na Espanha, o termo jornalismo interpretativo serve para diferenciar determinados tipos de mensagens que já não se codificam conforme o relato objetivo dos fatos e que, por sua vez, mostram um claro distanciamento dos comentários editoriais ou editorializantes. A interpretação é uma nova forma de codificar a notícia. FAGOAGA conceitua o jornalismo interpretativo entendendo por conceito uma função. Alerta para a necessidade de entender o significado do termo com base nas proposições:

1. Se a finalidade do tratamento da informação é relacionar esse fato com os outros que se tenham produzido simultaneamente, ou anteriormente, e com alguns acontecimentos que se prevêm - não relacionados entre si por sua estrutura formal, porque podem ter sido codificados como mensagens isoladas, tipicamente descritivas - esse tratamento da informação requer uma explicação, uma análise.
2. A elaboração deve proporcionar um relato que, além de ser informativo, contextualize os fatos, não só os descreva.
3. O enfoque redacional está na relação de antecedentes e contexto com fatos da atualidade, com o objetivo de explicar esses fatos e proporcionar uma interpretação. Nesse caso, a finalidade do tratamento da informação não é somente analisar os fatos, mas também, avaliá-los, fazer um juízo estimativo. Assim se estará "produzindo formalmente uma mensagem interpretativa".

Outra vertente do jornalismo interpretativo é o investigativo. Monteserrat QUESADA argumenta que na teoria, todo profissional de jornalismo deveria ser simplesmente um jornalista investigador. "O jornalista investigador é aquele que se adianta aos acontecimentos. Não espera que os fatos se produzam, mas, desencadeia ou os encerra com sua própria investigação, dependendo do tipo de fatos que se trate".

Segundo Petra SECANELLA *jornalista investigador* é um título *redundante*. E, jornalista investigador seria a evolução do *jornalista interpretativo*. O investigador, após ter informações suficientes sobre um caso, passa a contrastá-las com as informações das fontes. Especialização cujo objetivo é "ir atrás da corrupção".

Fraser BOND apresenta a divisão: jornalismo informativo (assegura informação); jornalismo opinativo (busca influenciar); jornalismo interpretativo (explana a notícia); jornalismo de entretenimento (comentários do cotidiano).

NIXON expõe, segundo MARQUES DE MELO, conclusões mais bem fundamentadas: jornalismo informativo - resultado da observação da realidade; Jornalismo opinativo -

propaga opiniões; jornalismo interpretativo - informa, explica e tenta "enriquecer o acervo de conhecimentos da coletividade"; jornalismo diversional - entretenimento, diversão.

MARQUES DE MELO ao propor uma classificação dos gêneros jornalísticos adota dois critérios. Agrupa os gêneros em categorias correspondentes à intencionalidade e os apresenta como: a reprodução do real (o atual e o novo) e a leitura do real (análise e avaliação). Fornece dados históricos sobre o surgimento e evolução do jornalismo interpretativo.

A credibilidade de qualquer notícia e, principalmente, da informação em profundidade, impõe a necessidade da documentação e, também, do uso de técnicas, que até bem pouco tempo eram usadas pelos cientistas sociais. A coleta de dados baseada na observação, entrevista e documentos, muitas vezes deixa lacunas para interpretação. "Nós jornalistas erraríamos menos se nos adaptássemos a usar alguns instrumentos de pesquisa das ciências sociais", afirma MEYER. Recomenda, após a determinação/significação do fato ou notícia, a inferência das causas e os caminhos de avaliação dos problemas sociais através de métodos e instrumentos de pesquisa usados pelos cientistas sociais. Se o jornalista tem o "direito de dar significado às notícias" é necessário que ele saiba "contar, medir, avaliar (método quantitativo), que busque o percentual do ponto de equilíbrio, para relacionar e depois tecer considerações sobre os dados obtidos". Entre os métodos ou técnicas sugeridas, estão os modelos teóricos ou especulativos, que incluem: conceitos, modelos e teste das hipóteses.

Concha FAGOAGA marca o nascimento do jornalismo interpretativo em 1932, quando o semanário *Time* lança o novo tipo de jornalismo, pela iniciativa de "dois universitários de Yale, Briton Hadden e Henri Luce". A fórmula inovadora de Luce era organizar, classificar e explicar as notícias da semana e, o mais importante: rompia o código semântico convencional usado no relato objetivo dos fatos. Os jornais titulam a nova forma de explanação do pensamento (*think pieces*) como: *background* (fundo de cena); *subsurface* (por sob a superfície); *explainers* (interpretações), *situatiouers* (localizadoras); *wrap-ups*

(grandes coberturas); passam a utilizar inusitadas expressões como: *boton-ups*, *blockbusters*, *offbeat*. Na França, também no período entre-guerras, surgem as primeiras matérias chamadas *grand reportage*. Não havia, ainda, uma denominação genérica para esse novo tipo de tratamento de informação, essa nova categoria. Mas, em 1947, a *American Society of Newspaper Editors* e a *Associated Press Managing Editors*, elegem o tema: interpretação, como tópico principal de seus debates. Em 1950, a Universidade de Kansas State oferecia um curso com esse título. Considerada obra básica, *Interpretative Reporting*, publicado em 1963, por Curtis MACDOUGALL, foi a primeira a registrar em livro o nome "interpretativo". Prenunciava a necessidade, do futuro jornalista do dia-a-dia, de desenvolver uma capacidade acima daquela que exige uma cobertura de rotina: não só transmitir o noticiário, como também, interpretar os acontecimentos. Ser capaz de analisar o fato como um cientista "perscruta um gérmen em seu microscópio, à luz da ciência".

Os departamentos de pesquisa, que desenvolveriam no Brasil o Jornalismo Interpretativo nasceram a partir das morgues, para elaborar as matérias com fundamentação. BELTRÃO explica que arquivo ou *morgue* no jornalismo (morgue, do inglês necrotério; jornalístico: arquivo). Reunia o acervo de recortes e fragmentos de notícias, artigos e informações, publicadas no próprio jornal e em outros, colecionadas em pastas e catalogadas para uso oportuno. A importância do "arquivo e de pessoal competente" nos jornais, para evitar "barrigas" como fotos trocadas, dados imprecisos, erro na grafia de nomes, citações erradas, informações imprecisas. Era o local onde os redatores podiam buscar fundamentação para suas matérias e, os repórteres, subsídios para antes e depois de entrevistas ou coberturas.

O nascimento do Jornalismo Interpretativo está ligado ao surgimento da TV. É época de um cenário intrincado. A nação americana apresentava problemas que se multiplicavam: contínuo crescimento, mudança de sua população e insistência por uma vida melhor. Novos desafios à mídia noticiosa, entre complexas e mutáveis possibilidades, novos desafios. Uma das conseqüências foi o deslocamento: dos grandes centros a imprensa é empurrada para os subúrbios. Na década de 50, as revistas e agências noticiosas

expandem-se por locais distantes e pobres. A TV parte para o investimento em *noticiários locais*, usando a fórmula da atração da *proximidade* (menos em campanhas eleitorais). A maioria dos recursos da imprensa passa a ser destinada para cobrir atos do Governo. Nessa época o jornalismo interpretativo converte-se em principal tópico de reflexão e começa a ordenar-se, sob o ponto de vista de alguns jornalistas como Lippman, Markel, Linen, Caham e outros. Tema principal em debates, os profissionais procuram conceituar esta categoria de reportagem.

A instantaneidade e a fascinação da televisão, o jornalismo "vivo" das imagens, muitas vezes simultâneas, coloca a imprensa na linha de frente de luta pela preservação/reconquista de leitores. Marshall MCLUHAN reconhece, em *Uderstanding Media*, um novo tempo com o surgimento da TV e impõe uma nova visão sobre a temida concorrência: alerta para o fenômeno do aumento da venda de periódicos, que seria motivada apenas pela vontade de saber mais sobre determinados assuntos que a TV noticiara. O impacto do surgimento e da popularização da TV reafirma a tendência de consolidação desse novo jornalismo emergente.

3. CENSURA: NASCIMENTO E MORTE DO JORNALISMO INTERPRETATIVO

"Não tenho nem idéia de quem concebeu o nome de *New Journalism* nem quando foi concebido". Assim Tom WOLFE (1976) inicia reflexões, sob o título: *Tomando o poder*. Nome respeitado entre os profissionais, Wolfe redige com as características norte-americanas predominantes: texto mesclado entre a literatura e o factual, como Gay TALESE e Truman CAPOTE. Quando o livro foi escrito - a primeira edição é de 1973 - Alberto DINES já havia implantado (e desenvolvido com sucesso) a nova categoria no Brasil. Na busca de informar melhor, sob a influência de uma temporada no New York Times, Dines coloca o Jornal do Brasil (JB) em igualdade aos melhores jornais do mundo. Levou o JB a ser considerado, durante muito tempo, o melhor jornal do país.

O jornalismo interpretativo foi concebido como possibilidade de enfrentamento ao alcance e agilidade dos telejornais e, tem seu principal fator desencadeante, no caso brasileiro,

diretamente ligado ao aparecimento da TV. Tanto assim que as matérias assinadas pelo Departamento de Pesquisa e Documentação do JB desenvolveram-se a partir do anúncio de implantação da TV Globo.

A equipe do JB era formada por redatores e consultores de alto nível que, além de produzir material de apoio evoluiu sob a direção do jornalista Roberto Quintaes, adiantando-se aos acontecimentos, produzindo textos em ciências, política, economia, filosofia, arte e cultura. Dines seguiu "uma linha de modernização e ampla cobertura de fatos nacionais e internacionais, com apego à verdade e priorizando o trabalho do DPD".

A conhecida grande reforma do JB evoluiu gradativamente. Resultou da somatória de diversas transformações, que, gradativamente, espalhou-se por toda a imprensa nacional. Ultrapassou os limites do jornal, modificado por inteiro, para influir profundamente na renovação de toda a imprensa brasileira. No início, demonstravam a preocupação com a apresentação plástica e estética do jornal. A diagramação, o tipo ou família de tipos de letras, o uso ou não de fios. As mudanças complementaram-se com a contratação de um grupo de profissionais dos quais se destacavam Janio de Freitas, Ferreira Gullar, Reynaldo Jardim. A eles é creditado o mérito da primeira preocupação com o texto da notícia, transformando o jornal predominantemente de classificados a um periódico de notícias, mais informativo.

3.1. CENSURA I

Em agosto de 1961 o país vive a tensão de uma tentativa de golpe de Estado. Ministros militares procuram impedir pela força a posse do vice-presidente João Goulart, então em viagem oficial ao Oriente, em seguida à renúncia do presidente Jânio Quadros. Esse incidente desencadeia feroz censura à imprensa, saindo jornais com espaços em branco, forma de resistência e de denúncia que mostrou, desde logo, o caráter daquele golpe, frustrado em seguida, e para cuja frustração a imprensa muito contribuiu, não cedendo à

pressão dos detentores da autoridade militar¹. Vencido em 1961, o movimento antinacional e antidemocrático retraiu-se, organizou-se e preparou - longa e meticulosamente - a investida que lhe permitiria a vitória. Fora um ensaio para o golpe de abril de 1964.

Em 1961, o JB conquista os Prêmios Esso de Jornalismo Nacional e o Esso de Fotografia, com a reportagem *Adote uma criança*, de Sílvia Donato. O País vive um dos períodos mais conturbados de sua história política. Crise econômico-financeira, crise do papel, turbulência política, influência da política externa. Vítima da arbitrariedade política, o jornal deixou de circular pela primeira vez, como protesto, quando em 29 de agosto de 1961 teve 90% de seu material censurado pelo governo Carlos Lacerda.

As empresas jornalísticas cedem ao imperialismo das agências internacionais, principalmente as norte-americanas. A fobia aos temas comunistas e a crescente influência econômica e política norte-americana no Brasil somam-se à crise do papel e completam o pano de fundo das duas próximas décadas da imprensa nacional. Era o tempo do advento do *lead*. Uma fórmula técnica que privilegia o leitor apressado, fundada nos princípios de Rudyard Kipling, estabelecidos na regra dos cinco W e um H. Reforma na apresentação das notícias iniciada no Diário Carioca, em 1951.

No JB, em 21 de fevereiro de 1954, iniciara-se a preocupação com o texto mais elaborado. E, o Prêmio Esso de Jornalismo, instituído em 1955, motivou o aperfeiçoamento do jornalismo e o aprofundamento da informação. Com a saída de Jânio de Freitas, em 1961, após um breve mandato-tampão, de Omer Mont'Alegre, chega-se à estabilização dos 12 anos de liderança de Alberto Dines, editor-chefe 1962 a 1974. A mais longa gestão na história da imprensa moderna.

3.2. Operação Janeiro

¹ SODRÉ, p. 409

Em 1961, o jornalista Alberto Dines era diretor do tablóide *Diário da Noite*, (Diários Associados). Opositores de Salazar seqüestraram o navio Santa Maria. Dines e outro repórter foram até o Santa Maria, fundeado em Recife e fizeram uma série de reportagens publicadas, durante cinco dias. O dono dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, era muito ligado a Salazar e havia proibido a publicação das matérias. Resultado: Dines foi demitido. Nesse período, como muitos outros jornalistas, foi para os Estados Unidos da América do Norte. De volta ao país, recebeu o convite para dirigir o JB. Contratado em dezembro de 1961, no dia 6 de janeiro de 1962, "uma segunda-feira", Dines assumiu o cargo de editor-chefe do JB, com a missão de torná-lo diferente².

Sob a análise de Manuel Francisco do Nascimento Brito, então diretor do *JB*, Dines consolidou a reformulação do jornal, sistematizando todas as modificações que levaram o JB a destacar-se na imprensa brasileira. Na primeira edição sob sua responsabilidade, a única alteração apresentada foi o fio de paginação sob o logotipo "para prendê-lo ao alto da primeira página."³

Na gestão de Dines introduziram-se diversas inovações além do *Departamento de Pesquisa*, o *Departamento Educacional*, a *Coluna do Castello*, o *Caderno Infantil*, o *Jornal do Futuro*, o *Festival JB* de curta-metragem, a *newsletter Essências* e os *Cadernos de Jornalismo* - publicação que marcava o ineditismo de uma ponte entre o mercado e a universidade, para que os professores e jornalistas expusessem ali suas reflexões teóricas sobre a atividade.⁴ O nome de Dines não aparece publicado, durante todo o ano de 62, como editor-chefe. Mas, em 1º de janeiro de 1963, surge pela primeira vez, "Editor-chefe, Alberto Dines", ao lado dos nomes da Condessa Pereira Carneiro, Diretor-Presidente; de M.F. do Nascimento Brito e Celso de Souza e Silva, Diretores. Logo abaixo do nome do Jornal, na página de opinião.

²"Dias antes o Dr. M. F. do Nascimento Brito, dissera-nos: "Quero na terça-feira, um jornal completamente diferente. Ao que respondemos: "O JB será um jornal diferente dentro de poucos anos. Agora é impossível". DINES, Alberto. "O Papel do Jornal - uma releitura". 4ª ed. Summus Editorial 1986, p. 51.

³ ANDRADE, Moacyr.

⁴ Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho. 22

Dines chamou a série de mudanças de Operação Janeiro. Um movimento que visava dar uma nova condição profissional ao jornalista e um estímulo para um novo tipo de trabalho. Incluindo uma série de cursos realizados na redação.

Uma de suas primeiras preocupações foi cunhar alguns conceitos que se converteram em normas de serviço, que ele chamou de doutrina visual.

O princípio de organização temática dos textos constituiu-se na preocupação de ordenar as diferentes matérias, que antes eram publicadas aleatoriamente. Criaram-se as editorias para facilitar o entendimento do leitor tornar o jornal mais fácil e atraente de ler. Esta seria uma das grandes inovações do *JB*, dentro da imprensa brasileira, mais tarde seguida pelos principais jornais do país.⁵ Outra medida pioneira foi a substituição dos famosos "A pedidos", geralmente pagos, pela publicação da coluna chamada de Cartas dos Leitores. Em princípio, "uma carta por dia ao pé de um artigo na página de opinião." O crescente número de cartas enviadas à redação possibilitou a ampliação do espaço para um quarto da página de opinião.⁶

Dines remontou a rede de correspondentes brasileiros em diversos países do mundo; introduziu o conceito de chefia segundo a divisão em editorias. Uma forma de ter sempre um responsável pela qualidade das matérias publicadas em cada assunto.⁷ Outra novidade foi a realização de duas reuniões diárias. A primeira, às 15 horas, reunia os editorialistas para checagem de pauta e assuntos que deveriam ser tratados pelo jornal que sairia no dia seguinte. A outra, às 19 horas, para confirmação do que havia sido produzido pela reportagem, visando o fechamento e a edição final do jornal, principalmente, com a escolha da manchete.⁸ Com o primeiro memorando interno, em 6 de janeiro de 1962, Dines instituiu o DPD, para ser desenvolvido em 1963.⁹ Nesta época, já estava prevista a

⁵ Depoimento de Alberto Dines à autora deste trabalho.

⁶ Depoimento de Alberto Dines à autora deste trabalho.

⁷ Depoimento de Carlos Lemos à autora deste trabalho.

⁸ Depoimento de Samuel Dirceu à autora deste trabalho.

⁹ DINES. ob citada, p 70

publicação periódica de um índice sistematizado das matérias publicadas no jornal desde a sua fundação. Sob a chefia de Dines, processou-se a consolidação "sem a vociferação de fórmulas mágicas. Não houve a tentativa de reinventar a roda nem se perseguiu o milagre instantâneo".¹⁰

Na verdade, as ações resultavam da influência do jornalismo americano e, principalmente do *New York Times*. Em sua temporada de seis meses na América do Norte, Dines observara o periódico e, a partir de sua experiência, promove "modificações de vulto na estrutura organizacional da redação do *JB*¹¹ e estrutura o DPD. Como decorrência, em 1962, Dines criou o arquivo fotográfico.

O *JB* não possuía arquivo fotográfico porque Janio de Freitas, (editor-chefe até 1961) era contrário à utilização de fotos antigas ou já publicadas. Para ele a foto não podia ser velha, reaproveitada¹². "Dines tinha uma visão mais moderna, mais industrial de como se fazer jornal".¹³ Uma percepção de valorização da imagem. A fotografia passa a ter papel importante, não como um recurso de ilustração ou fechamento da página. Afinal, dois elementos informam e interpretam: o texto e a fotografia. Para abastecer o arquivo, denominado desde o nascimento como Departamento de Pesquisa e Documentação, ou simplesmente DPD, o editor chefe encomendou ao jornalista Nonato Masson¹⁴ livros para fundamentar notícias e formar uma biblioteca de apoio à redação.¹⁵ "*Masson você que é um rato de alfarrabista, vai lá e compra prá nós livros de referência*". Masson começou a formar uma biblioteca para a redação. Com livros solicitados pelos editores e redatores e alguns doados, o DPD começou a estruturar-se. Primeiro, uma biblioteca eclética, diversificada; depois, um acervo de informações atuais, factuais, com a assinatura dos principais jornais do país (no eixo Rio/São Paulo, Brasília, Minas Gerais e alguns do Norte

¹⁰ ANDRADE, Moacyr, *A Reforma*. In: *História do JB. Edição do Centenário*, 07 de abril de 1991, p. 5. Jornal do Brasil.

¹¹ LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. Summus. São Paulo, 1991.

¹² Depoimento de Murilo Felisberto à autora deste trabalho.

¹³ Depoimento de Murilo Felisberto à autora deste trabalho.

¹⁴ Nonato Masson era redator e nunca chegou a integrar os quadros da Pesquisa.

¹⁵ Depoimento de Murilo Felisberto à autora deste trabalho.

e Nordeste). Para ampliar a divulgação de assuntos internacionais, ampliou assinaturas de periódicos e revistas internacionais. O farto material que chegava diariamente ao DPD exigiu a contratação de dois funcionários para o serviço burocrático de leitura, seleção e recorte de matérias e até fotos, com a referência do veículo, data da publicação e página, para colagem em folhas de papel jornal ou laudas, no tamanho A 4, num processo denominado *clipping*. Com o início da coleção de material devidamente selecionada, iniciou-se sua classificação por assunto.

Paralela à estruturação do DPD, Dines reativa a publicação de edições extras, exatamente após 40 anos da publicação da primeira. No dia 17 de junho de 1962, um domingo, a segunda edição extraordinária da história do JB saiu devido à conquista do Bicampeonato Mundial de Futebol pelo Brasil. A seleção Brasileira venceu a “Tcheco-Eslováquia” por de 3 a 1, na partida final pela conquista da Taça Jules Rimet, no Chile¹⁶. A tiragem desta edição foi de 270 mil exemplares e esgotou-se rapidamente.¹⁷

3.3. DPD: A IMPLANTAÇÃO E A EVOLUÇÃO PARA UMA EDITORIA

O memorando interno de janeiro de 62 marcava a implantação do primeiro Departamento de Pesquisa do JB e, desde o início de sua organização, já passa a auxiliar a redação fornecendo, na consulta de suas pastas, antecedentes históricos, mapas, biografias. Mas, Dines idealizara o DPD para funcionar nos moldes dos *Research Departments* do New York Times. A meta inicial era criar um órgão de apoio à redação, aos jornalistas e repórteres em geral. Assim funcionou até 1963. Mas, Dines confessa que já concebia, para este setor, uma inovação diferenciada do modelo norte-americano.

No início, não era um departamento produtor de informações, mas sim, um órgão de apoio por excelência. Não havia jornalistas no setor e o DPD ainda não produzia efetivamente textos, eram os próprios jornalistas da redação que iam até lá, para buscar fundamentação

¹⁶ Depoimento de Murilo Felisberto à autora deste trabalho.

¹⁷ Índice cronológico remissivo dos arquivos do diretor presidente do JB, M.F. do Nascimento Brito.

para suas matérias¹⁸. Todas essas publicações consistiam, ainda, em material elaborado pelos profissionais da redação. Os repórteres, segundo a pauta, saíam em busca da notícia e redigiam as matérias que eram encaminhadas ao copy-desk. Na estrutura da redação, trabalhavam em conjunto ao corpo de repórteres, um corpo de copidesques, que freqüentemente alterava o texto dos repórteres. Mas, não acrescentava novas informações. Dava estilo ao texto, numa redação impecável. Reconhecidamente, desde a segunda metade da década de 50 e por toda a década de 60, o copidesque do *JB* reunia os melhores textos da imprensa que se fazia no País.¹⁹ Mas, ainda não se fazia a contextualização das notícias. Com o DPD, alterou-se essa operacionalidade. Os textos passaram a fornecer ao leitor o *background* - um contexto mais amplo dos fatos noticiados. A redação encontrou subsídios para a impressão da terceira edição extra da história do *JB*, que circulou no dia 3 de junho de 1963. A pauta pedia a cobertura da morte do Papa João XXIII. A edição narrava em suas páginas um levantamento completo da vida do pontífice, até os últimos momentos. Dines orientava os editores para a elaboração da matéria contextualizada, contendo o máximo de informações possíveis²⁰.

No DPD, os jornalistas encontraram farto material para uma nova pauta. Um fato abalara o mundo moderno e justificava a publicação da quarta edição extra, narrando o assassinato do Presidente John Fitzgerald Kennedy, na cidade de Dallas, no estado do Texas. Essa edição circulou às 19h35m, do dia 22 de novembro de 1963. As matérias das últimas edições especiais levaram o *JB* à conquista dos prêmios Esso de Jornalismo Nacional e Esso de Equipe.

Em novembro tem início a promoção Resumo de Arte do *JB*, sobre exposição com os dez melhores artistas do ano, selecionados por um júri formado com críticos convidados pela direção do *JB*. Essa iniciativa desenvolveu-se por 10 anos, sendo realizada até 1973.

¹⁸ Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho.

¹⁹ *Revista de comunicação* nº 24.

²⁰ Depoimento de Carlos Lemos à autora deste trabalho.

A primeira coluna política foi publicada em 22 de novembro de 1963, feita por Carlos Castello Branco, com o título Coluna do Castello. Na mesma data inaugura a sucursal de Minas Gerais, com sede em Belo Horizonte. Surgem as páginas de economia que, até aquela época, resumiam-se em colunas de cotações de mercadorias e moedas. O jornalismo especializado surge com as coberturas econômicas, motivadas pela inflação galopante.

Sob a chefia de Murilo Felisberto o DPD passa a elaborar a pauta do dia. "Isso porque, ao contrário do que acontece hoje, a pauta do jornal era muito elaborada e levava muito tempo a ser feita".²¹ Por conseqüência, o começo do jornal era tardio. Esta é a primeira tendência diferenciadora dos arquivos internacionais. As sugestões de pauta eram anunciadas em reunião específica e passaram a contar com o auxílio do DPD.

3.4. "OS MORTOS SÃO NOSSOS"

Completada a estruturação física básica do DPD, Dines contratou o primeiro jornalista, cujo cargo foi titulado inicialmente como *chefe*. O escolhido foi Murilo Felisberto.²² Em sua bagagem constava a experiência profissional de uma trajetória evolutiva que se iniciou, como repórter, no jornal Diário de Minas, posteriormente como repórter da Folha de S. Paulo, chegando a subgerente e editor local; na Revista Transporte Moderno da Editora Abril e depois, como repórter da Revista Manchete, na sucursal paulista.

Na época do convite, Murilo surpreendeu amigos ao aceitar e transferir-se para o Rio de Janeiro. O estigma dos arquivos e morgues, registrado na consciência coletiva dos jornalistas da época, motivou a crítica à pronta aceitação do convite. Murilo ouviu dos colegas: "trabalhar num arquivo, num departamento de pesquisa: é fim de carreira".²³ Mas o JB era o modelo do que havia de melhor em jornalismo na época. Murilo Felisberto assumiu a chefia do DPD no dia 13 de março de 1964²⁴. Um mês depois, em abril de 1964,

²¹ Depoimento de Alberto Dines à autora deste trabalho.

²² Em 1996, diretor-de-criação da Agência Publicitária DPZ, em São Paulo.

²³ Depoimento de Murilo Felisberto à autora deste trabalho.

²⁴ MARRA, A. Beluco. Deptº de Pesquisa, uma experiência em jornalismo. IN: Cadernos de Jornalismo, Ano II, nº 7, 1967. Edições Jornal do Brasil., p. 05.

o cargo de chefe evolui para o de editor. A função específica de Murilo Felisberto, segundo orientação de Alberto Dines, era a organização do DPD para a produção de matérias de apoio, *background*, biografias e obituários, além da pauta do jornal, que deveria ter a elaboração e ampliação de dados feita pelo DPD. Nessa fase, apenas acompanhava a pauta da redação. Para auxiliar na execução do serviço que se ampliava, o próprio Dines consulta o chefe de reportagem, Jaime Negreiros, para ceder ao DPD dois repórteres que seriam chefiados por Murilo. Negreiros, em sua visão seletiva do pessoal sob sua orientação, declara taxativamente: "Tudo bem. Vou te dar meus dois piores repórteres"²⁵. Um deles era Luiz Paulo Horta - hoje editorialista do jornal O Globo. Se não eram bons repórteres, segundo Jaime Negreiros, revelaram-se excepcionais redatores, lembra Murilo. O nome do outro jornalista indicado perdeu-se na memória coletiva, até pelo motivo de sua passagem ter sido transitória e célere pelo DPD. Quanto a esse, Negreiros tinha razão. Não chegou a ficar um mês e foi dispensado por Murilo.²⁶ Rotulado como trabalho de documentação, as atribuições de selecionar e arquivar matérias passaram a ser função do jornalista Luiz Tapias, que se juntou à equipe em maio de 1964. Os dois repórteres passam a escrever, elaborar matérias de arquivo, e o DPD chega a oito funcionários, incluindo o chefe do arquivo.

Desde o primeiro obituário escrito e assim cotidianamente, quando do falecimento de personalidade nacional, internacional ou mundial, de autoridade ou pessoa de destaque de uma determinada comunidade, Murilo anunciava à redação e aos jornalistas do DPD, "Os mortos são nossos."²⁷

No final da década de 60 (1967) o setor contava com 42 funcionários abastecendo pastas para que os próprios redatores e repórteres montassem sua matéria²⁸. A finalidade primeira era gerar dados para qualquer tipo de noticiário nacional ou internacional²⁹. Para

²⁵ Depoimento de Murilo Felisberto à autora deste trabalho.

²⁶ Depoimento de Murilo Felisberto à autora deste trabalho.

²⁷ Depoimento de Samuel Dirceu à autora deste trabalho.

²⁸ Depoimento de Roberto Quinates à autora deste trabalho.

²⁹ Depoimento de Samuel Dirceu à autora deste trabalho.

complementar o material armazenado no arquivo, Dines adquire um banco de dados, apresentado em forma de fichas chamado *Deadline*,³⁰ de uma empresa dos EUA. Nesse período, o acervo do DPD passou a crescer gradativamente. Aos principais jornais do eixo Rio-São Paulo juntaram-se as revistas nacionais, Fatos e Fotos, O Cruzeiro, Manchete. Coleções inteiras são doadas por leitores. O DPD recebe publicações internacionais como *New York Times*, *Le Monde*, *The Economist* e o noticiário das agências internacionais: *AP*, *UPI*, *France Press*, *Ansa*, *Reuters*. A sala que abrigava o DPD foi ampliada com a retirada de divisórias, ficando apenas algumas, mais baixas.

As primeiras matérias elaboradas pelo DPD têm as características primitivas da pesquisa³¹, com a contextualização dos fatos narrados na notícia. Mas, limitando-se aos seus antecedentes históricos. Apresentam-se mais explicativas do que interpretativas. São matérias pequenas com número reduzido de linhas, 20 em média, basicamente de informações de caráter geopolítico, introdutório, explicativo e histórico,³² sempre complementares às notícias produzidas pelas editorias da redação. A posterior formação de um corpo de redatores no DPD era uma criação inteiramente nova "e considerada um corpo estranho nas redações tradicionais."³³

No dia 7 de abril de 1964, a indicação, para a Presidência da República, de Castello Branco (já promovido a marechal) é homologada pelas forças armadas, para tomar posse no dia 15 de abril. Nenhum jornal tinha informações sobre o presidente. Discutindo o assunto, no DPD, Murilo descobriu que a tia de Talvani Guedes era vizinha de um parente - uma prima - do novo presidente. Talvani saiu à caça das informações e elaborou a matéria de pesquisa. Murilo copidescou, deu o texto final. E o levantamento biográfico sobre vida de Castello Branco foi publicado com exclusividade, emoldurado por um fio trazendo, pela primeira vez, a chancela "Pesquisa JB".

³⁰ Depoimento de Samuel Dirceu à autora deste trabalho.

³¹ MEDINA, Cremilda de A. e LEANDRO, Paulo Roberto. *A arte de tecer o presente*. Ed. Média, 1973 p. 69.

³² Depoimento de Samuel Dirceu a autora deste trabalho.

³³ Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho.

Entre os principais assuntos que eram manchete em 1964: “*intervenção americana no Vietnã* (25/4), a viagem de De Gaulle à América Latina (21/09 a 16/10), *a corrida espacial*, e outros, são publicados na forma estanque e tradicional da divisão em dois blocos. A estrutura da matéria divide-se num primeiro texto essencialmente informativo de atualidade, a notícia propriamente dita, e abaixo, o texto retrospectivo, histórico, algumas vezes acompanhado por mapas. É um princípio de introdução à interpretação deixada exclusivamente a cargo do leitor que, após a leitura poderá tirar conclusões básicas sobre o fato divulgado. Nesse primeiro momento cumpriu apenas a finalidade a que estava destinado: fornecer *background* indispensável³⁴ a uma compreensão mais ampla dos fatos.

Para incentivar a criatividade de seus redatores, Murilo lança um recurso, com avaliação diária: um concurso para a escolha dos melhores títulos e textos - ele mesmo, Murilo - um dos mais rápidos e criativos tituladores da imprensa brasileira. Aos vencedores não há prêmios, "mas muito incentivo".

Já no primeiro mês de sua fundação oficial, o DPD desenvolveu uma série de modificações que o afastaram dos moldes em que havia sido concebido. De sua estruturação e montagem segundo os modelos dos periódicos norte-americanos, logo passou a diferenciar-se qualitativamente. Desviou-se de seu objetivo inicial - fornecer dados complementares ao trabalho dos redatores e repórteres, escrever pequenas biografias, ou apenas situar histórica ou geograficamente o fato principal da notícia.

Em comunhão com as teorias de Alberto Dines, Murilo Felisberto desejava montar uma equipe de redatores e pediu mais jornalistas para o DPD. Dizendo-se ambicioso, confessa a aspiração cultivada desde que assumira a chefia do DPD: produzir, e produzir muito. Postura essa que motivou um comentário dentro da redação do JB, "querem é competir com a redação". De certa forma, ou seja, no aumento de produção de matérias e no aprofundamento de informações queriam mesmo.³⁵ Dines estruturou uma equipe de

³⁴ Entrevista concedida na UNICAMP, LABJOR, em outubro de 1995

³⁵ Depoimento de Murilo Felisberto à autora deste trabalho.

redatores e repórteres, que passou a chamar de *pesquisadores*³⁶. Decisão que se consistiu na gênese de florescência de grandes nomes em sua redação.

No final de 1964, Murilo Felisberto contava com um grupo de 10 jornalistas: Moacir Japiassu, Adauto Novaes, João Máximo mais os pioneiros Luís Carlos Lisboa, Luís Paulo Horta, Luiz Tapias e Estela Lachter. E um marco diferenciador por excelência: duas repórteres que saíam às ruas: Ana Maria Andrade e Clotilde Hasselman. Em 8 fevereiro de 1964, Samuel Dirceu passou a integrar o quadro de jornalistas do DPD, assumindo o cargo de subeditor do DPD. O Caderno de Resumo de 64 publicado em dezembro de 1964 foi o primeiro material independente do DPD.³⁷ Texto típico de um banco de dados, com retrospectiva histórica resumida com texto remissivo, relatando o factual, não elaborado em profundidade³⁸.

Por determinação de Dines, Murilo passa a acumular mais um cargo além de editor do DPD, o de assistente do editor chefe.³⁹ "Apenas uma forma de melhorar o salário". Mas, não era apenas isso. O cargo criado visou também a elaboração da primeira produção efetiva do DPD: o primeiro Caderno Especial⁴⁰, publicado em abril de 1964.

Com o Caderno Especial, o DPD já não estava mais subsidiado à redação, tornou-se uma editoria autônoma, apenas submetida à autoridade do editor chefe. Sua participação no corpo do jornal se avolumou e rompeu as fronteiras das editorias, participando de todo o corpo redacional do JB. A Pesquisa passou a transmitir informações com "características de periodicidade, de atualidade, de recepção coletiva - jornalismo - e recuperadora de informação, participando da organização do acesso à informação - documentação."⁴¹

Como editor do DPD, Murilo começou a participar das reuniões dos editorialistas. Essas tradicionais reuniões aconteciam na sala da chefia de redação, instalada no 3º andar do

³⁶ Depoimento de Gabeira à autora deste trabalho.

³⁷ Depoimento de Dines à autora deste trabalho.

³⁸ Depoimento de Murilo Felisberto à autora deste trabalho.

³⁹ Depoimento de Alberto Dines à autora deste trabalho.

⁴⁰ O primeiro número do Caderno Especial foi criado em 1962.

⁴¹ Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho.

edifício da Avenida Rio Branco, 110/112, na então Guanabara. A partir da pauta, o DPD entregava a matéria já pronta titulada e copidescada.⁴² Carlos Lemos⁴³, então chefe de reportagem, distribuía os espaços, que naquela época eram mais flexíveis que nos dias de hoje.

A consciente e determinada opção pelo jornalismo interpretativo teve seu embrião ainda em 1964, quando Dines resolveu promover reuniões semanais para uma avaliação do jornal⁴⁴. Principalmente, para analisar a qualidade dos textos, estudar e discutir como estava sendo processado o tratamento da informação.

4. JORNAL PARA JORNALISTAS

Fruto dessas reuniões, no dia 1º de maio de 1965, estabeleceu-se outro marco importante para o jornalismo brasileiro, com a edição dos Cadernos de Jornalismo, a reportagem internacional interpretada⁴⁵. Os Cadernos de Jornalismo formaram uma ponte entre a universidade e a prática jornalística, divulgando textos de pesquisadores nacionais e internacionais e reafirmando a importância da interpretação. Teorizava estudos de comunicação de massa.

Na apresentação dos Cadernos de Jornalismo Dines identifica-os como "um jornal para jornalistas". Aparecem como jornais de estudo, com o objetivo de iniciar o aprimoramento técnico dos jornalistas. Anunciam o fim do jornalismo empírico e subjetivo, passando a exigir dos profissionais uma cultura especializada, técnica, profissional.

O *lead* clássico, respostas as cinco perguntas de Kipling, não satisfaz a sede de saber dos leitores. A aplicação do talento necessita de noções de arte, psicologia, sociologia. Exigências da complexidade do mundo moderno. Explica que nessa época, a Comunicação de Massas é ciência nos Estados Unidos da América do Norte e desconhecida no Brasil.

⁴² Depoimento de Murilo Felisberto à autora deste trabalho.

⁴³ Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho.

⁴⁴ Depoimento de Samuel Dirceu à autora deste trabalho.

⁴⁵ MARRA, Obra cit. p. 8

Releva a importância do papel do profissional de jornalismo, pois a ele cabe sensibilizar e informar o leitor. Saciar sua curiosidade. Sua função torna-se educativa e de difusão cultural. Os Cadernos de Jornalismo do JB não eram um órgão da empresa, mas facilitados por ela. Empreendimento pioneiro alinhado à chamada Operação Janeiro.

A implantação de um departamento de pesquisa de incentivo à especialização jornalística, dá início a um processo de “*revistização do jornal*”.⁴⁶ Em 1965, o DPD já conquistara autonomia com a produção dos Cadernos Especiais⁴⁷ editados semanalmente, com circulação aos domingos. Transformara-se numa editoria e conquistara o ineditismo de participar de reuniões de pauta e de editorialistas. No dia 2 de maio de 1965, Murilo Felisberto deixa o jornal. Não conseguira adaptar-se ao Rio de Janeiro, estava com problemas pessoais, desejava retornar a São Paulo. E, posteriormente, une-se a Paulo Patarra e a outros profissionais que se autodenominaram “grupo competência”⁴⁸ para a publicação do número zero da revista Realidade.

4.1. A CHEFIA DE UM SISTEMATIZADOR

Em 2 de maio de 1965, assume o sub-editor do DPD Samuel Dirceu, ex-editor de Internacional do Diário de Minas⁴⁹. A redação do DPD era integrada por: Luís Paulo Horta, Clotilde Hasselman, Ana Maria Andrade, Moacir Japiassu, Nicodemus Pessoa (o Pessoinha), Antonio Beluco Marra, Luís Carlos Lisboa, Luiz Adolfo Pinheiro, Roberto Pereira, Luis Tapias, Estela Lachter e Talvani Guedes. Os talentos individuais começam a despontar. Apesar de “cavar” espaços dentro das páginas do jornal, até 1965 o DPD não era um produtor de informações por excelência. Gradativamente, conquistou espaços no Caderno B e começara a produção de matérias no Caderno Especial. O DPD tornara-se um órgão de apoio, formado por profissionais altamente competentes e especializados que produziam matérias eventualmente, buscando a informação mais precisa e contextualizada.

⁴⁶ SILVA, Carlos Eduardo Lins da . “*O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*”. SP. Summus, 1991, p. 81.

⁴⁷ MARRA, Obra cit.

⁴⁸ Depoimento de Murilo Felisberto.

⁴⁹ Depoimento de Samuel Dirceu.

Mas, com a anunciada inauguração da TV Globo⁵⁰, propondo-se a um nível de qualidade em jornalismo ainda não existente no Brasil, Dines determinou, utilizando um memorando interno, a maior elaboração das matérias. O memorando dizia: "A partir de hoje, começa a televisão séria jornalística no Brasil. E nós, temos agora um concorrente. Precisamos fazer um jornal cada vez mais denso, dentro da ideologia de informar mais e melhor."⁵¹

A partir desse momento, a atuação do DPD não iria mais ser de bastidor. Dines a queria mais ofensiva. O DPD passou a ter um logotipo, para que o leitor soubesse que ali encontraria algo mais.

O DPD começou a atuar oficialmente como editoria⁵². "Era uma coisa inovadora".⁵³ Não era apenas a busca da memória, mas a necessidade de estender a notícia, de satisfazer em profundidade a sede recém-despertada pela TV⁵⁴. Dines pretendia que o jornal apresentasse algo mais do que o noticiário eletrônico rápido poderia oferecer. Para matérias se tornassem mais densas, incentivava a especialização dos redatores do DPD. E, segundo o interesse próprio de cada um sobre determinado tema, os jornalistas despontavam como especialistas em diversos assuntos. Luiz Adolfo Pinheiro, em astronáutica, o ex-revisor Roberto Pereira em conquistas espaciais. Luís Tapias, em economia; Moacir Japiassu na literatura, sobressai-se pelo texto leve e elegante, quase irônico. João Máximo possuía um arquivo próprio dos temas que mais estudava: esportes e espetáculos, cinema e teatro.⁵⁵ Luís Paulo Horta escrevia sobre música clássica e filosofia. Beluco Marra, sobre política internacional. Ao crescente acervo do DPD somou-se uma outra nova peculiaridade: o arquivo pessoal de cada pesquisador, interessado em

⁵⁰ A TV Globo foi inaugurada em outubro de 1965.

⁵¹ Depoimento de Alberto Dines à autora deste trabalho.

⁵² Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho.

⁵³ Depoimento de Fernando Gabeira à autora deste trabalho.

⁵⁴ DINES, Obra cit. pag. 70.

⁵⁵ Depoimento de Luís Paulo Horta à autora deste trabalho.

aprofundar seus próprios conhecimentos individuais sobre questões da atualidade, ampliando o domínio sobre os antecedentes e a contextualidade de cada fato⁵⁶.

Em 65 o DPD preparou o primeiro índice remissivo do JB, elaborado pelos jornalistas Ernani Vilas Boas e Moisés Kendler.⁵⁷ O aniversário de 50 anos de Frank Sinatra consolida a abertura de espaço, dentro das editorias do jornal e a matéria ganha mais de meia página. O espaço nas publicações chega a 100 e 150 linhas. As sucursais do JB passam a abastecer o DPD para a elaboração de matérias⁵⁸. O Caderno Especial amplia espaços às matérias sobre política internacional. Samuel Dirceu, que se define como um sistematizador,⁵⁹ organizou para a redação uma relação de efemérides. Mais utilizada, porém, pelo próprio DPD, em matérias de levantamento histórico e curiosidades sobre datas comemorativas e para a publicação do Boletim de Efemérides.

Após a reunião das 15 horas, em fevereiro de 1965, Dines comunicou aos editores: o primeiro caderno passaria de 18 a 20 páginas. A novidade foi comemorada como vitória. Significava para os jornalistas uma espécie de reconhecimento, da empresa e do público, pela aceitação e respeito ao tipo de jornalismo que vinham desenvolvendo.⁶⁰ Além da chancela do DPD, as matérias publicadas no Primeiro Caderno, Caderno B e Caderno Especial passaram a ser assinadas.⁶¹ Foram os primeiros passos para a autonomia do DPD.

A massa de recursos em livros cresce e as assinaturas de periódicos internacionais se ampliam: *Der Spiegel* (O Espelho), uma das melhores publicações interpretativas, na opinião de Samuel Dirceu; *Time*, *Le Monde*, *Nouvelle Observateur*, *Economist*, *New York Times*. O sucesso do jornal era atestado pelo crescimento do número de anunciantes. No dia 12 de dezembro de 1965, um domingo, o JB registrou mais um recorde em sua história

⁵⁶ Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho.

⁵⁷ Documentos do jornalista Ouhydes Fonseca.

⁵⁸ Depoimento de Samuel Dirceu à autora deste trabalho.

⁵⁹ Sistematizar, disciplinar, organizar e produzir, essas são as minhas referências.

⁶⁰ Depoimento de Samuel Dirceu à autora deste trabalho.

⁶¹ Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho.

e na da imprensa nacional. Circulou com 152 páginas e mais o caderno de publicidade que apresentava 48 mil centímetros de publicidade, com 10 mil anúncios.

Um caso que virou exemplo em salas de aula: no dia 11 de janeiro, na reunião das 19 horas, não havia uma boa manchete para abrir a primeira página. Lago Burnet encontra um funcionário que acabara de chegar, sem cumprir a pauta. Por que? Chovia demais. Chuvas torrenciais provocavam inundações e desabamentos. A redação e a Pesquisa foram mobilizadas. Às 19 horas e 30 minutos, o jornal começa a ser refeito. O Caderno B publica oito páginas sobre o fato. A Pesquisa levantou dados: "*chuvas mais violentas desde 1883*".

Enquanto repórteres e fotógrafos levantavam a notícia, a chefia ligava para autoridades diferentes. O DPD preparava a matéria retrospectiva histórica sobre as maiores tempestades e inundações do Rio de Janeiro, naquela época, Estado da Guanabara. O jornal saiu às ruas às 8 horas da manhã. Foi o único a cobrir o fato⁶². A manchete, "*Rio tem oficialmente 117 mortos e verba de 2 bilhões para estado de emergência*", o título da foto: "*Um dia de enlouquecer*". A partir desse dia, o DPD não teria mais hora para deixar o jornal. Acompanharia a redação até o fechamento de cada edição.

Início do gigantismo das edições dos jornais, em 10 de fevereiro de 1966, uma quinta-feira, circula com 106 páginas, consequência de novo recorde de publicidade publicada em dia de semana: 201 centímetros, cerca de 40 mil anúncios. Apesar das centenas de páginas, essa edição circulou sem o Caderno B, pois a rodagem foi prejudicada pela falta de energia elétrica nas oficinas gráficas do JB. As influências do jornalismo interpretativo alastram-se pela imprensa brasileira. Em São Paulo, a Editora Abril lança a revista Realidade (abril). Dines queria o DPD mais criativo, com matérias cada vez mais densas. Expectativas que divergem das de Samuel Dirceu. Por isso, em julho de 1966 saiu do JB e foi para o Jornal da Tarde. Em abril de 1968 torna-se o primeiro gerente do DEDOC - Departamento de Documentação da Editora Abril.

4.2. A VISÃO DE UM ESTUDIOSO DO JORNALISMO INTERPRETATIVO

⁶² Depoimento de Roberto Quintaes à autora deste trabalho.

Antonio Beluco Marra foi editor do DPD do JB, de julho de 1966 a 1967. Na redação do JB desde 1961, Beluco acompanha o desenvolvimento do DPD com a consciência das transformações que estavam sendo gestadas.⁶³ Iniciou o processo de consolidação do DPD do JB, "como uma redação dentro da redação, um jornal dentro do jornal" que se inicia em 1965 até 1968. O DPD do JB já aparecia como uma dessas alternativas, no enfrentamento do jornalismo televisivo.

O DPD chegou a ser chamado de "Gueto Mineiro", pelos colegas da redação. Por dois motivos: a porcentagem elevada de jornalistas originários de Minas Gerais⁶⁴ e o fato do DPD ter sido instalado numa sala improvisada, "um cercado, um gueto", agora no centro da redação do jornal.

Até agosto de 1966, os pesquisadores do DPD iniciavam suas atividades, normalmente, a partir das 14 horas. Porém, um caso corriqueiro obrigou o DPD a manter um plantão diário, a partir das 8 horas. A filha de Nascimento Brito, Maria Regina, precisava fazer um trabalho de pesquisa para a escola. E na parte da manhã ligou para o DPD. Não encontrando ninguém que pudesse auxiliá-la na elaboração de seu "trabalho escolar", queixou-se ao pai. Nascimento Brito, nesse mesmo dia, impôs a obrigatoriedade de um plantão diário.

A redação do DPD aumentara. Sérgio Augusto, Elisa Patti, Fernando Zelotini, somavam-se ao grupo que permanecia desde a implantação do DPD: João Máximo Ferreira Chaves, Moacir Japiassu, Luís Carlos Lisboa, Talvani Guedes da Fonseca, Stela Laster.

Uma das matérias de grande repercussão feitas por Beluco foi sobre os Beatles e chamou-se: "Os donos do Reino". Em duas folhas duplas, quatro páginas inteiras, com a história do nascimento do conjunto, dados biográficos, as músicas, os sucessos, sua influência na moda, no corte de cabelo, as inovações trazidas a partir da influência de Elvis Presley. O

⁶³ Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho.

⁶⁴ Murilo Felisberto, Samuel Dirceu, Beluco Marra, Fernando Gabeira.

sucesso dessa matéria acabou por pautar programas de televisão sobre o grupo inglês. Beluco escrevia dando um corte nas matérias, uma forma atraente que se assemelhava aos roteiros de filmes.⁶⁵ Porém, na chefia, não havia muito tempo para escrever.⁶⁶

O DPD estendeu sua participação. Além das matérias especiais, da elaboração do Caderno Especial, Beluco escrevia uma crônica diária na editoria de esportes, a convite Audemário Toguinhó. A coluna apresentada em box, não se limitava ao factual. Beluco "levantava a história" buscava antecedentes aos fatos.⁶⁷ Dines criou o Caderno Internacional. Para editá-lo chamou Edgar de Andrade, um especialista em política internacional. Era um caderno elitizado, com artigos, traduções do *US News and World Report*, *Nouvelle Observateur*. Publicações com textos interpretativos traduzidos e condensados pela equipe de pesquisa. Marra, com francês fluente, traduzia as produções francesas. Andrade, como editor do Caderno Internacional viajava muito e, em sua ausência, cabia ao DPD editá-lo.

Como editor-chefe, Beluco Marra promovia reuniões internas no DPD, com o objetivo de discutir idéias, pautas e para o acompanhamento das matérias que estavam sendo elaboradas. A liberdade de criação e de horários, a não obrigatoriedade do fechamento diário foram elementos responsáveis pela fértil criatividade do DPD. Luís Paulo Horta, por exemplo, saía às tardes apenas para ver as novidades em discos, ouvir música. Resultado: produzia matérias sensacionais⁶⁸. Mas, essa ausência de opressão, essa independência dos pesquisadores, comparada à rigidez de horário da Reportagem Geral provocava ciúmes e algumas reclamações.

Porém, Beluco não gostava de interferências em *seu*⁶⁹ Departamento. Por isso, teve várias discussões com Dines. Brigavam chegando a "ficar de mau". Não se falavam durante dias. Numa dessas ocasiões, após uma discussão acalorada, Dines enviou um bilhete a Beluco

⁶⁵ Depoimento de Samuel Dirceu à autora deste trabalho.

⁶⁶ Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho.

⁶⁷ Depoimento de Fernando Gabeira à autora deste trabalho.

⁶⁸ Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho.

⁶⁹ Grifo da autora.

desculpando-se e reconhecendo-se "muito autoritário". Mas, reiterando que Marra era "cheio de aleivosias"⁷⁰.

Os problemas eram, geralmente, sobre o pessoal, sobre o cotidiano da equipe e a elasticidade do horário do DPD. A total liberdade estendia-se à criação, à pauta, ao número de páginas escritas em cada matéria. Era uma verdadeira "orgia criadora."⁷¹ Definição de Luís Paulo Horta para a liberdade de espaço, publicação e de criação. Internamente, porém, no DPD o dia-a-dia transcorria sem problemas. A equipe trabalhava unida, coesa, apoiando as idéias criativas de cada um. Seletivo, Beluco não admitia no DPD, quem não tivesse um texto excelente, somado a uma bagagem cultural sólida e um elevado índice de leitura. Queria apenas os melhores. "O DPD não era lugar para principiantes."

4.3. “MÉDICOS E PERITOS CONFIRMAM QUE MORTO É GUEVARA”

O jornal que apoiara o golpe de 64, por acreditar "que a continuidade democrática estava ameaçada e que uma intervenção militar seria a solução para a crise institucional,"⁷² colocou-se na "oposição ao arbítrio" do Governo militar, "embora apoiando suas diretrizes econômicas"⁷³. Sobre a pressão da censura e a vigilância da Igreja,⁷⁴ o JB buscou expressar, "sempre que possível, repúdio aos atentados à democracia. "

A importância do DPD é ressaltada no dia 11 de outubro de 1967, com chamada de primeira página, sob a matéria principal da manchete do dia:

“Médicos e peritos confirmam que morto é Guevara”. Nas páginas 2, 3 e 4, o noticiário de...(.....)..e três trabalhos do Departamento de Pesquisa: *A Revolução em Pessoa, América dos Rebeldes e Um, Dois, Três, Muitos Vietnames*.

⁷⁰ Depoimento de Beluco Marra à autora deste trabalho.

⁷¹ Depoimento de Luís Paulo Horta à autora deste trabalho.

⁷² VENTURA, Zuenir. *Anos 60/70*. IN: *A história do JB. Edição do Centenário*, Ed. JB. RJ, 07/04/91, p. 7.

⁷³ ANDRADE, Obra cit.

⁷⁴ Depoimento de Fernando Gabeira, à autora deste trabalho.

O DPD ganha a cada dia mais espaço. Pesquisadores transformaram-se em repórteres redatores e pautaram matéria, especialmente para concorrer ao Prêmio Esso. João Máximo conquistou o Prêmio Esso de Jornalismo Nacional, com uma matéria de esportes, "*O subdesenvolvimento do futebol brasileiro*". Enfocava o problema das freqüentes e numerosas contusões no futebol brasileiro. Seria pela subalimentação na infância, despreparo físico? A idéia da pauta nasceu de uma conversa entre Beluco e João, no ônibus a caminho do JB, após a leitura do jornal. João Máximo saiu a campo fazendo entrevistas, colhendo depoimentos para documentar a matéria. Assim nascia a maioria das pautas.

O sucesso do jornal leva à comemoração do 76º aniversário do JB, em abril de 1967, no Maracanãzinho e no Teatro Municipal, com uma apresentação internacional, da dupla de bailarinos Margot Fonteyn e Rudolf Nuryev.

No início do ano, Beluco Marra havia enviado um currículo para o Instituto Francês de Imprensa. Por acreditar que o caminho futuro da imprensa era o jornalismo interpretativo, queria especializar-se em Ciência Política. Deixou o DPD, em julho de 1967 e foi para a França fazer um curso de 2 anos com Edgar Morin e Roland Bahrtes.

4.4. SOB A PRESSÃO DA DITADURA MILITAR

O jornalista Fernando Gabeira assume a chefia do DPD em julho de 1967, até então, pauteiro do jornal. Na redação estavam: Aduino Novaes, Argemiro Ferreira, Marta Alencar, Roberto Quintaes, Luís Paulo Horta, Luís Carlos Lisboa, João Máximo, Moacir Japiassu, João Máximo, Sergio Augusto, Renato Machado, Moisés Kendler. Trabalhavam em média 12 pessoas. Sempre havia cinco ou seis escrevendo e outros em funções burocráticas. Uns recortando material, organizando pastas. O banco de dados continuava a ser alimentado diariamente. O *clipping* (marcação, recorte, colagem e arquivo de matérias) era feito geralmente por estagiários ou outros profissionais.

Nas reuniões, à cabeceira da mesa ovalada, Dines, em nome da direção da redação. À sua direita, Sette Câmara, pela direção geral, depois o chefe-de-reportagem, que na época era

Luís Orlando Carneiro e todos os editores do jornal, inclusive o editor do DPD. Gabeira participava das reuniões das 15 horas, com uma estratégia de primeiro ouvir os editores. Quando algum deles expunha o tema que estava sendo desenvolvido e sua importância para, possivelmente, conquistar uma chamada na primeira página do dia seguinte, ou mesmo daquele dia, respondia: "Olha, nós temos material lá". Se a notícia de esportes falava sobre a contusão de um jogador famoso, ele oferecia: "Podemos fazer o desenho do corpo do atleta e enumerar as contusões todas que já sofreu, como um mapa..." A elaboração acabava transformando a produção do DPD em matéria à parte. Uma estratégia que ampliava os horizontes produtivos da Pesquisa. Produzir matérias independentes, descolando levemente da notícia, de seu *cour*.

A orientação de Dines à Pesquisa era seguida à risca: fugir da notícia que se poderia imaginar que o rádio e a TV já teriam dado, ou as agências dariam. O objetivo era, não só suplantar os meios eletrônicos, como buscar todas as vertentes. Essa meta fomentou a necessidade de especializações, incentivo colocado desde a fundação do DPD. Crescia o número de profissionais interessados, dedicados a determinados temas. Como exemplo, Gabeira cita Argemiro Ferreira, que acompanhava dedicadamente a política americana. Aduato Novaes seguia de perto todos os noticiários sobre a França. O sucesso dos Cadernos Especiais deveu-se às especializações dos jornalistas do DPD.

4.5. 50 ANOS VERMELHOS

A linha estética da liberalidade seguida pelo JB, em plena recrudescência da ditadura militar, passa por momentos difíceis, que diplomaticamente, tiveram que ser negociados pelo editor chefe, Alberto Dines.

Em outubro de 1967, sob a orientação de Gabeira o DPD edita um Caderno Especial "que quase fecha o JB". Chamava-se *50 Anos Vermelhos*, sobre os 50 anos da Revolução Bolchevique. Essa publicação desencadeou uma série de problemas ao jornal, com a pressão de militares e representantes da Igreja. O caderno teve grande repercussão. Muito bem paginado, denso. Dines decidiu publicá-lo pois desejava oferecer aos leitores um bom

material, com informações mais completas sobre o que foi a Revolução Bolchevique, afinal "um dado importante na História da humanidade". O JB publicara, antes desse caderno, matéria elaborada pelo DPD, colocando de um lado o Prestes, como o ex-Cavaleiro da Esperança e o Marighella como o Cavaleiro da Esperança. O texto mostrava as contradições do comunismo brasileiro e, de uma certa maneira, "tendendo para a posição do Marighella". Um conflito, segundo Gabeira. Um grande aperto para o jornal.

Enquanto editor do DPD, Gabeira não escrevia, só coordenava e orientava. Instituiu a reunião diária de pauta e desenvolvimento com os pesquisadores. Sem horário estipulado, o intuito era acompanhar a elaboração, para "ter um certo controle de como estava, quando estaria pronta". 1968 foi marcado, desde o princípio, pela violência e atos ditatoriais. O JB mostra ao leitor em quatro fotos de primeira página a manchete: "*POLÍCIA QUE ESPANCA*" e o noticiário sobre a invasão e lacração da Rádio JB. Ao lado do nome do jornal no alto da página a nota discreta da morte de Assis Chateaubriand, em São Paulo. Sem destaque. No rodapé uma segunda manchete: "Luther King assassinado a tiros em Memphis". Era o dia 5 de abril. O DPD fez matérias para todas as editorias.

Excetuando-se as publicações independentes, como Os cadernos de Jornalismo, Suplemento Especial, as matérias inseridas no corpo do jornal, mesmo que o tema fosse livre, independente da pauta, precisavam ser aprovadas pelos editores. Inclusive no Caderno B, era necessário consultar e obter a aprovação de seu editor, Luís Paulo Grisolli.

O jornal começou a mostrar a violência, escrever sobre ela. O país passava por um processo de politização e formação de grupos de resistência resultante e marcado pela ditadura militar, no período de 1966 a 1968. Os comentários às edições do jornal e particularmente às matérias de cunho interpretativo se referiam mais a certos fatos políticos estarem sendo bem ou mal cobertos, se estava ou não havendo uma auto-censura. O que realmente estava acontecendo era um trabalho consensual com a direção do jornal. Nas reuniões dos editorialistas, Dines estabelecia uma certa direção. Mesmo assim, em determinados momentos havia reclamações da direção pelas inúmeras pressões dos

militares e do próprio Governo. Como em todo trabalho, algumas coisas eram aceitas, outras negociadas. Um jogo de pressões recrudescido, mas semelhante ao que existe ainda hoje na imprensa brasileira. Gabeira envolve-se pessoalmente nos movimentos de guerrilha.

Ponto culminante, em 13 de dezembro de 1968 os censores entraram na redação e no DPD. Por esse motivo, o DPD fez uma matéria sobre bananas. "O país das bananas". A matéria não seguia uma linha lógica. "Fizemos o que o jornal O Estado de S. Paulo faria mais tarde. Nessa matéria, que passou pelos censores, dávamos um pouco da nossa visão do processo". Era a época do A-I 5. Em 1968 Gabeira deixa o JB e o país.

Entre as inúmeras ações de arbítrio sofridas pelo JB, a mais longa e ostensiva foi essa iniciada em 13 de dezembro de 1968, com os censores instalados na redação e no DPD, o JB circulava sob censura prévia. Os censores instalados no JB eram sete militares, maiores da ativa, do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. No dia 14 de dezembro de 1968 o JB publicou a primeira edição depois da entrada em vigor do AI-5. Censurada a primeira página, os censores obrigaram Dines à modificá-la. Dois militares desceram às oficinas para checar o que iria ser rodado. Outros cinco permaneceram na redação para observar o trabalho dos redatores em refazer a primeira página. A manchete e os textos foram refeitos. Era algo como: *Governo fecha o Congresso e baixa ato arbitrário*. Mudou para: *Governo baixa Ato Institucional e coloca o Congresso em recesso por tempo ilimitado*.⁷⁵ Transcritos na íntegra o Ato Institucional nº 5 e o Ato Complementar nº 38. Dois textos relatam o factual e não citam o nome do Presidente da República, referindo-se a ele apenas pelo cargo. Mas, essa edição tornou-se histórica pela previsão meteorológica que retratava o cenário político e social do país.

Tempo negro.

Temperatura sufocante.

O ar está irrespirável.

⁷⁵ Jornal do Brasil, 14 de dezembro de 1964, primeira página.

O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx.: 38°, em Brasília. Min.: 5°, nas Laranjeiras.

Os 38° em Brasília eram referência ao Ato Complementar nº 38 que decretou o recesso do Congresso Nacional. Os 5° nas Laranjeiras fazia alusão ao Ato Institucional nº 5. Laranjeiras era a sede do Governo, o Palácio presidencial. O autor e idealizador do texto: Roberto Quintaes, redator do DPD. Segundo o autor, Roberto Quintaes, a histórica previsão do tempo foi encomendada por Dines. Ele caminhou até a mesa de Quintaes e falou em tom sussurrante: *Recrie a previsão do tempo*. No alto, à direita do nome do jornal: *Ontem foi o Dia dos Cegos*. Referência contundente aos óculos escuros usados por Costa e Silva. As fotos também mostram irreverência. No alto, sob o título *Tradição que se renova* o Presidente Costa e Silva aparece na ponta dos pés, inclinado para a frente, como se fosse cair. A legenda dizia: *O Presidente dirige a entrega das espadas aos novos guardas-marinha*. Na foto abaixo, sob o título *Identidade profunda*, sem identificação dos retratados, dois homens uniformizados em primeiro plano. A legenda: *Os ministros militares confraternizam durante a homenagem à Marinha*. A última foto, mais reveladora da crise que se instalara no jornal e no país, chamou-se *Hora dramática*. Mostra o jogador de futebol Manoel Garrincha saindo de campo, numa foto escura, antiga. A legenda: *Garrincha foi expulso quando o Brasil vencida o Chile na Copa de 62*.

A página reeditada desceu às oficinas. Os militares compararam a antiga, censurada, com a refeita. Na redação os jornalistas aguardavam o jornal saído das rotativas, desculpando-se da presença prolongada com evasivas. Quando a edição, enfim, fica pronta os censores separam o primeiro número e o levam à redação. A comemoração silenciosa dos jornalistas limitou-se a olhares.

A edição do dia 14 de dezembro de 1968 ficou registrada na história da imprensa brasileira. O método ou técnica de tratamento de texto e foto acabou por servir de exemplo a outros jornais, como O Estado de S. Paulo. Uma forma de alertar os leitores, sobre a

censura e o corte de matérias. Roberto Quintaes, então redator do DPD havia cunhado um marco histórico de resistência da imprensa à censura.

4.6. CENSURA E AUTO-CENSURA - O FINAL DE UMA ERA

Na noite de 14 de dezembro o Embaixador Sette Câmara, diretor do jornal, foi preso pelos militares. Como protesto, Nascimento Brito e a Condessa Pereira Carneiro decidiram pela suspensão da edição do dia seguinte, um domingo, quando o jornal marcaria mais um recorde de publicidade naquele ano. A presença constrangedora dos censores durou até janeiro de 1969. No DPD, Marta Alencar, sub-editora de Gabeira, assume a direção da pesquisa.

Nos primeiros dias de janeiro, a direção do jornal iniciou algumas tentativas de acordo com a 1ª Região Militar. Os censores foram retirados ante o compromisso do JB em manter uma auto-censura. Para garantia do ajuste e evitar surpresas na primeira edição que sairia às ruas sem censura prévia, os militares obrigaram o editor-chefe, Alberto Dines, a pernoitar no Batalhão de Guardas. Essa exigência já havia sido previamente comunicada aos diretores do jornal. As notas de censura passaram a ser transmitidas via telefone por agentes da Polícia Federal. Eram taquigrafadas e distribuídas à chefia, lembra Roberto Quintaes.

Marta Alencar teve uma administração discreta frente ao DPD. Deu continuidade ao trabalho de contextualizar as matérias de reportagem e aguardou ser substituída, em 1969. A permanência no cargo foi aceita sob a condição de curta permanência. Ligada a grupos de resistência política não desejava o destaque de uma chefia.

Carlos Lemos convida Roberto Quintaes para ser o editor-chefe do DPD. Não foi propriamente um convite e sim uma ordem. Segundo Quintaes, a escolha deveu-se à uma "prosaica" coluna de filatelia no Caderno B. Montara um processo extremamente organizado de correspondência com todos os possíveis correios do mundo, apresentando-se e identificando o perfil do jornal. Um modo de receber via correspondência, o anúncio ou

os selos que estavam sendo lançados. A inovação de Quintaes foi elaborar matérias sobre os temas de cada selo. “Uma inconsciente influência da Pesquisa”. Roberto Quintaes foi editor do DPD do JB no período de abril 1969 a 1974. Época chamada por Alberto Dines de a "fase mais criativa" da Pesquisa. Perfeccionista, durante os três primeiros meses, a preocupação do novo editor foi essa: organizar. O DPD tinha nessa época 11 redatores. Luís Paulo Horta, nomeado subeditor, cursara Direito. Raul Riff - ex-secretário de imprensa de Jânio Quadros, acolhido pelo jornal após a renúncia; Paulo Sternick - um psicólogo; Argemiro Ferreira, Sheila Madeleine; Geraldo Mairinck, Adauto Novaes, Clotilde Hasselman, Moisés Kendler, Renato Machado. Um grupo heterogêneo que não era composto essencialmente por jornalistas, mas por intelectuais, que apesar de não dominarem as técnicas de *lead* e *sublead*, possuíam um texto preciso e claro. Capazes de mergulhar em um assunto e produzir material com conhecimento e profundidade. Um grupo heterogêneo, difícil. Sem o hábito de fechamento de página ou de seguir padrões do jornal.

O primeiro grande trabalho de Quintaes foi a preparação da edição noticiosa, em apoio à reportagem, sobre a chegada do homem na Lua. O módulo lunar da nave espacial Apollo-11 tocou o solo da Lua às 17h17m40s, do dia 20 de julho de 1969. Prova de agilidade, às 20 horas o JB estava nas ruas com a 5ª edição extra de sua história. A manchete: *Homem na Lua*. O relato factual abriu a edição, complementada pela pesquisa remissiva da corrida espacial. A Pesquisa, que antes se deslocava levemente do curso dos fatos, rompeu a linha divisória e trilhou caminhos da literatura. Todos os temas recorrentes à Lua foram trabalhados em texto. Dados geográficos, históricos e políticos, acompanhados de matérias de página inteira sobre o astro na música, na poesia, na visão de pessoas. No dia seguinte, após o passeio dos comandantes Neil Armstrong e Edwin Aldrin pela superfície da Lua, publica uma nova edição extra, a sexta da história do JB. Cem mil exemplares foram vendidos em algumas horas. Com o pacto entre militares e a alta direção do JB pela autocensura, os assuntos internacionais ganharam ainda maior espaço nas páginas do jornal. No Caderno Especial, um só assunto produzia matérias de duas, três e até quatro páginas. A

Pesquisa edita um Caderno Especial sobre o conflito no Vietnã. Luís Paulo Horta lembra da euforia do espaço, da liberdade de criação.

O número de assinaturas regulares do DPD elevou-se para 136. Jornais, revistas, da América do Norte, da Alemanha, Canadá, França, Itália, Inglaterra. De diferentes países e diversificadas. Sob a direção de Quintaes, a Pesquisa chegou a ter 48 funcionários. Todos os dias chegavam os malotes dos correspondentes estrangeiros. O número crescente de assinaturas deveu-se à benevolência de Luís Orlando Carneiro, editor de notícias, terceiro na hierarquia do JB atendia a todos os pedidos de compras, inclusive livros. Nessa época: Alberto Dines, editor-chefe; Carlos Lemos Leite da Mata, secretário, chefe de reportagem. Lago Burnet e depois Sérgio Noronha, editores de texto e José Silveira, editor de *mise-en-page*, responsável pela apresentação visual das páginas do jornal, não pela diagramação. O JB chegou a ter 17 editores.

Quintaes reafirma a condição de editoria autônoma do DPD com a ampliação maior de publicações independentes. Além do apoio de dados à reportagem e elaboração de matérias com o aprofundamento de informações, o DPD passa a adiantar-se aos acontecimentos produzindo *features*. Os textos tornam-se reflexivos sobre as conseqüências futuras dos fatos, das notícias, buscando suas ramificações, suas influências.

Em 16 de dezembro de 1970, Bicentenário de Beethoven. Luís Paulo Horta assina um ensaio sobre a interpretação histórica da música e coloca o romantismo do autor, como prenúncio à decadência. Eleva Bach acima de Beethoven. “Uma iconoclastia” que se ousava cometer no DPD. Páginas inteiras de matérias da Pesquisa demonstram a sofisticação dos temas.

O DPD prepara uma matéria sobre o amor. "Alguém não comprou a idéia", relata Quintaes. O texto não seria publicado. Procurou Dines para interceder pela publicação. Indignado, Quintaes afirma que o jornal preocupava-se demais com notícias do factual, e aquela matéria era um exemplo "de manifestações nobres do desejo". Desse encontro com Dines,

nasceu em 1972, a *newsletter* Tendências. Iniciava-se a produção de *features*⁷⁶ no campo da Filosofia, ciência, política, estratégia, arte e cultura. O primeiro *feature* coordenado por Quintaes chamava-se Tendências. De circulação semanal, eram cartas para veiculação de idéias. Idealizadas para leitura interna, eram distribuídas, primeiramente a todos os editores do jornal, comando da empresa, algumas agências publicitárias, para alguns clientes especiais e jornalistas do JB. Em consequência do sucesso, passaram a ser vendidas por assinatura, a executivos, intelectuais, com um novo nome: Essências. Agora um *newsletter* com o resumo do que havia de melhor na arte, filosofia, política, livros e cultura, publicado por edições internacionais de vários países do mundo (DINES, 1986, p. 66). Essências antecedeu o projeto de editar uma revista que se chamaria Tudo Sobre. Projeto abortado com a saída de Dines e sua equipe. Dines pediu a Quintaes que preparasse o número zero de Tudo Sobre. Quintaes determinou aos redatores do DPD: só sairiam depois de um mês, mas com a revista pronta. Naquela época, era comum ficarem a noite toda trabalhando, escrevendo. Ou, muitas vezes, dois, três dias seguidos. Sem irem para casa, sem banho. Quintaes, Luís Paulo Horta, Luís Alberto Bahia, Alfredo Lobo, Lutero Mota Soares, escreveram uma revista monotemática, de 64 páginas, enfocando a queda de Fernando Allende, presidente do Chile. Dines, Lemos e a Pesquisa passaram parte da noite editando. Rodada, a revista chegou às bancas às 7 horas da manhã do dia 15 de setembro de 1973. Ao meio-dia havia esgotado. Rodaram mais 70 mil exemplares e, dois dias depois, não havia mais nenhum. Muitas matérias desse período foram recusadas e algumas rasgadas pelo editor de notícias Sérgio Noronha. Essa é a alegação de Carlos Lemos para não admitir o DPD como editoria autônoma. Mas, o próprio Lemos, desde o período chefiado por Beluco Marra, reconhecia a qualidade do texto do DPD. Centenas de vezes, ao ler textos que seriam publicados, cumpria uma rotina que se tornara hábito. Entusiasmado, do alto de uma cadeira, no centro da redação gritava:

- "*Quem foi o filho da puta que escreveu isso?* " Ele mesmo admite. "Não eram todas, mas a maioria era da Pesquisa".

⁷⁶ Texto especial que não se limita ao caráter informativo de uma notícia. Aprofunda cada assunto em busca de sua significação mais atemporal. IN: *Manual geral de Redação*. Folha de São Paulo. 2ª.ed. Ed. Folha de São Paulo, 1987, pg 153

Em 1973, uma crise econômica alastra-se pelo país. No JB a crise soma-se à pressão política da época e alguns profissionais insatisfeitos com as exigências de qualidade de Alberto Dines e equipe. O JB sofre a crise do papel e de tentativas de empréstimos bancários. Em maio, Dines e sua equipe são sumariamente desligados pela direção (proprietários) do JB. Com sua saída, o DPD foi desmantelado. Os profissionais que ficaram foram pulverizados pelas editorias do jornal. Todos os produtos independentes ou não foram suspensos.

Um desfecho traumático que pode ter seu peso avaliado pela frase de Dines:

"Eles quiseram me matar. Então mataram meus filhos!"

5. CONCLUSÃO

Os ciúmes do pessoal da redação - citado em depoimentos de Beluco Marra⁷⁷ e Roberto Quintaes - e o constangimento dos endeusados *copy*s da reforma de 57 e lá ficaram. Os textos premiados mais elogiados... ressentimentos e inveja. Por exemplo: Cipião Martins Pereira em texto publicado na Revista de Comunicação nº 04 - ano 1 (1985) - sob o título: No fim dos anos 50, com as reformas do JB, o 'copy' ganhou projeção nacional. Cipião analisa *lead*, a excelência indiscutível do copidesque do JB e depois pula literalmente a gestão Dines.

Beluco Marra conta como encontrou a redação ao voltar da França: “um medíocre dirigindo um jornal que já foi um espaço sagrado, Walter Fernandes”. Toda a equipe do JB foi dispensada. Poucos foram poupados. Acabaram com todos os produtos criados pela Pesquisa.

Um artigo de Marques de Melo no livro: *Subdesenvolvimento, Urbanização e Comunicação - Crise da imprensa brasileira: O impasse estrutural e as soluções utópicas* analisa a obra de Alberto Dines e sua proposta de modernização e industrialização da

⁷⁷ Vide anexo 1 pag. 23

imprensa sem dependência editorial - a opinião do jornal jamais poderia ser negociável. E o jornal deveria ter ampla penetração nas massas, para garantir sua independência inclusive dos anunciantes. Ele conclui como utópico. É verdade. Mas utópicos são os grandes sonhos e muitas vezes as grandes realizações.

O jornalismo interpretativo não conseguiu sobreviver nos jornais brasileiros, por todos estes motivos: a falta de liberdade de expressão, pressões políticas, econômicas e religiosas; a dependência, a mediocridade da inveja profissional e o medo às explicações das notícias.

O pioneirismo do Jornal do Brasil pode ser confirmado na análise das inúmeras matérias publicadas a partir de 1964, comparado, por exemplo, com a revista *Time* que lançou *Essay*, como um departamento para interpretar as matérias em 3 de abril de 1965.

Parafraseando Tom Wolfe: Não sei quem cunhou a expressão "na contra mão da história" - para definir decisões políticas, sociais e empresariais. Mas, no caso da extinção do DPD - que hoje é morgue, arquivo na acepção da palavra e não pesquisa - o JB deu o primeiro passo de sua história para o retrocesso, ao eliminar a experiência do Jornalismo Interpretativo. Hoje, moderno e conceituado, vive a mesma crise de todos os jornais brasileiros: noticiando com mesmice e homogeneidade, o JB equipara-se a todos os jornais contemporâneos. Vive igual ao meu time de futebol: de lembranças. Mas, principalmente, o jornalismo brasileiro mudou. Opinativo, sensacionalista e repetidor de noticiários eletrônicos, o jornal impresso agoniza em promoções de DVDs, CDs, rifas e concursos de carros a casas, assinaturas de revistas... E quanto ao texto e informação de qualidade, mais detalhes sobre as notícias...?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Cláudio. *A Regra do Jogo*, Companhia das Letras. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1988,
- BELTRÃO, Luiz. *A Imprensa Informativa*. São Paulo: Ed. Leia, 1969.
- _____. *Jornalismo Interpretativo: Filosofia e Técnica*. Porto Alegre: Sulina. 1976.
- BURNS, Edward McNall. *História da Civilização Ocidental*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1973.
- Cadernos de jornalismo. Rio de Janeiro: Ed. Jornal do Brasil, Nºs 1, 5, 7 e 8
- CAMBARÁ, Isa. O pai legítimo da reforma do JB - Janio de Freitas. In: *Revista de Comunicação*, pp. 3-6. Ano 6 - nº 23, Nov. 1990.
- COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa - um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática 1993.
- COSTELA, Antonio. *Comunicação - do Grito ao Satélite*. São Paulo: Ed. Mantiqueira, 1978.
- COSTELA, Antonio. *O controle da informação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- DINES, Alberto. *O Papel do Jornal*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1986.
- FADUL, Anamaria. *Novas Tecnologias de Comunicação: impactos políticos, culturais e sócio-econômicos*. São Paulo: Summus : INTERCOM, 1986. (Novas buscas em Comunicação, v. 16).
- FAGOAGA, Concha. *Periodismo interpretativo - el análisis de la noticia*. Barcelona: Ed. Mitre, s/d.
- FONTCUBERTA, Mar. *Estructura de la Notícia Periodística*. Espanha: Ed. ATE, 1981.
- HOHENBER, John. *O Jornalista profissional*. Rio de Janeiro: Interamericana. 4.ed., 1981.
- _____. *Los Medios Informativos*. Holt, Rinehart and Winston. México, 1968.
- _____. *Manual de Jornalismo*. Ed. Fundo de Cultura. Rio de Janeiro, 1962.
- JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do Social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. Coleção Ensaio e Teoria.
- LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

- LEMOS, Carlos. Além de Kipling. IN: *Cadernos de Jornalismo*. Rio de Janeiro: Ed. JB, Ano I. Nº 1. Maio 1965. p. 25.
- LEPAPE, Pierre. *La presse*. Collection Paris: Le Point de la Question, 1972.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro - reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1993.
- MACDOUGALL, Curtis D. *Interpretative Journalism*. 4 th Edition. New York: The Macmillan Company, 1963.
- MARQUES DE MELO, José. *A opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MEYER, Philip. *Precision Journalism - A Reporter's Introduction to Social Science Methods*. EUA : Indiana University Press, Bloomington & London, 1971.
- MORIN, Edgard. *Cultura de Massas no Século XX - Espírito do tempo - 2 Necrose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- MORIN, Violet. *Tratamiento Periodístico de la Información*. Barcelona: A.T.E. Colección Libros de Comunicación Social, 1974.
- QUESADA, Montserrat. *La Investigación Periodística - El caso español*. Barcelona: Editorial Ariel, 1987.
- Revista de Comunicação - Nºs 04; 23; 24.
- RIBEIRO, Clecy. O peso do mundo. In: *Revista de Comunicação*. Ano 5 - nº7 - Novembro de 1989. p. 11.
- RIVERS e SCHRAMM. *Responsabilidade na Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: 1970.
- SECANELLA, Petra M. *Periodismo de Investigación*. Madrid: Editorial Tecnos, 1986.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991.
- SODRÉ, Néelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 37.
- WAACK, William. "Última função romântica no jornalismo moderno" In: *Revista de Comunicação*, pp 10, 11. Ano 3. Número 9 - 1987.
- WOLFE, Tom. *The New Journalism*. Great Britain: Picador - Pan Books, 1973.
- _____. *El Nuevo Periodismo*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977.